

Grito contra o racismo

Ricardo Leoni

Mandela se afirma identificado com negro brasileiro

Antes de embarcar de volta para a África do Sul, o líder negro sul-africano Nelson Mandela disse que se sente identificado com a luta da população negra brasileira contra a discriminação racial. Em sua última entrevista no Brasil, Mandela afirmou sentir-se feliz por ter constatado que tanto os governadores dos estados por onde passou quanto o presidente Fernando Collor "reconhecem que este é um problema e precisa ser tratado pelo governo". Mandela evitou comentar a possibilidade de o Brasil transformar sua representação na África do Sul em embaixada, mas ressaltou que qualquer decisão brasileira deverá ser antes discutida com o Congresso Nacional Africano.

Após uma maratona de cinco dias pelo Brasil, o presidente do CNA, de 73 anos, tirou o dia de ontem para descansar na suíte presidencial do Hotel Copacabana Palace. Segundo seus assessores, ele só se levantou às 16h. Duas horas mais tarde, Mandela recebeu o governador Leonel Brizola, que chegou às 18h acompanhado pelo cacique Juruna. Por alguns instantes, ficaram juntos representantes das três raças que compõem a população brasileira.

O governador se despediu de Mandela — a quem se referiu como "futuro governante da África do Sul" — e pediu que ele "não se esqueça de que tem aqui no Brasil muitos amigos". Brizola afirmou estar certo de que a luta do CNA conduzirá a África do Sul a uma democracia sem discriminação racial. "Será construído um país soberano. A África do Sul vai surgir como um grande país", afirmou. O governador acrescentou que vai propor a seus colegas de partido a colaboração financeira com a campanha de Mandela pela democratização da África do Sul. Brizola reiterou sua proposta de colocar na Cinelândia "garras" para recolher doações ao CNA.

Mandela voltou a reivindicar a formação de um governo provisório para promover a transição em seu país. Ele acusou o presidente Frederik de Klerk de ter promovido reformas no sistema racista com o objetivo de "fazer com que a comunidade internacional suspenda as sanções", mas mostrou-se otimista e evitou especular sobre a volta da luta armada contra o governo de minoria branca. "Se o governo deixar de agir de acordo com a expectativa da população, na época vamos analisar", explicou. Mandela disse não ter dúvidas de que o CNA conta com o apoio da maioria da população negra de seu país. "É por isso que o governo está discutindo conosco", disse.

O líder negro anunciou que será realizado ainda este mês um encontro entre o CNA e outros importantes grupos negros sul-africanos: a Organização do Povo Azariano (Azapo) e o Congresso Pan-africanista (CPN). "Esperamos que com esta conferência consigamos formar uma frente patriótica", informou. Ao sair do Golden Room do Copacabana Palace, Mandela surpreendeu a segurança e parou para cumprimentar um grupo de participantes de uma feira de moda íntima que era promovida num salão próximo. Ele deu uma olhada no salão, apertou a mão de algumas pessoas e seguiu, sorridente.



Mandela deixa o Palácio Guanabara com Brizola e o índio Juruna

Winnie visita 2 shoppings

Um pulôver, uma camiseta e um macacão jeans para o mais novo de seus sete netos — um ano e meio — e um relógio para a filha foram as únicas lembranças que a mulher do líder sul-africano Nelson Mandela, Winnie Mandela, comprou durante sua visita a dois shopping centers da Zona Sul do Rio, na tarde de ontem. "Está tudo muito caro", disse Winnie, assustada com o preço das roupas e acessórios no Brasil.

Winnie saiu do Hotel Copacabana Palace, onde ocupou com o marido a suíte presidencial, no início da tarde, acompanhada de dois seguranças e paisana e da intérprete, Simone Troula. Para despistar repórteres, Winnie saiu pelos fundos do hotel, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, embarcando num carro oficial. Na despedida do Brasil, Winnie queria conhecer shoppings e praias, sem a presença de jornalistas. Ela ficou fora do hotel cinco horas.

O primeiro shopping visitado por Winnie foi o São Conrado Fashion Mall, em São Conrado, onde só admirou vitrines. "Elas são muito bonitas, mas os objetos são muito caros", reclamou a intérprete. Winnie se disse impressionada com a beleza do shopping, mas resolveu visitar o Rio Sul, em Botafogo, onde fez suas compras. Nos presentes para o neto e no relógio Champion que resolveu levar para a filha, Winnie não gastou mais de Cr\$ 30 mil.

Enquanto Winnie admirava vitrines, quem passava por ela ficava em dúvida se era realmente a mulher do líder sul-africano. Vestida com um tra-

je típico cor bege, tipo de roupa que usou todos os dias no Brasil, Winnie despertava a atenção das outras pessoas. O fato de os seguranças se manterem à distância fez com que as pessoas imaginassem tratar-se apenas de uma integrante da comitiva de Mandela.

"Ela é muito jovem para ser a Winnie", comentou uma senhora. Segundo a intérprete, a mulher de Nelson Mandela ficou feliz em poder conhecer os shoppings fora da agenda oficial e revelou o desejo de voltar ao Rio, para passear. "Gostaria de passar as férias aqui", comentou Winnie. Ela e sua intérprete também tomaram café simples num bar de um dos shoppings, mas depois Winnie comentou ter gostado mais do guaraná. O governador Leonel Brizola providenciou algumas garrafas da bebida para o casal.

☐ Com a mulher, Winnie, e uma comitiva de 10 pessoas, Nelson

Mandela chegou ao Copacabana, por volta de 1h, vindo de Brasília. O líder negro não saiu da suíte 601 sequer para tomar café-da-manhã ou almorçar. Ele se encontrou com o ministro do Exterior da Malásia, Tam Sri Gohzali, a quem pediu ajuda para construção de casas populares no bairro de Soweto. Gohzali só veio ao Brasil para este encontro. O secretário de Trabalho e Ação Social, Carlos Alberto Caó, também esteve no hotel. Ele considerou excelente os resultados da visita, tanto para o Brasil quanto para o CNA.